

A APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO CONTEXTO DA PANDEMIA/ COVID-19

Solange Bispo¹, Dariane Priscila Rodrigues de Almeida²

solange.bispo@unesp.br

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, UNESP; ²Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, UNESP.

Introdução

Garantir a aprendizagem e a permanência de todos os estudantes na escola, antes da pandemia, já era um problema para as instituições escolares, uma vez que, amargavam em suas listas de presença, alunos com frequência irregular abaixo de 50% (cinquenta por cento) de presença e com desempenho acadêmico pífio, provocando a evasão escolar. A pandemia agravou esse quadro e nesse contexto, a escola vem mobilizando forças para implementar os atendimentos dos estudantes com necessidades educacionais especiais, especialmente daqueles com TEA.

Atender pedagogicamente estudantes com TEA ainda constitui-se em um desafio para muitas escolas devido à diversidade que os mesmos apresentam. São diversas as especificidades para cada situação, como comprometimento em três áreas importantes no ambiente escolar: interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e estereotipados. No contexto da pandemia, atender aos estudantes de forma remota passou a ser um desafio, já que requer apoio específico, com uma estrutura maior, para a garantia do atendimento de acordo com as particularidades.

Partindo desse contexto o problema de pesquisa centra-se na questão da pandemia, a partir da disseminação do vírus Covid-19 e os desafios enfrentados pelos estudantes com TEA. Dessa forma, o problema da investigação parte do questionamento: *De que maneira, e em que medida a pandemia afetou o atendimento escolar dos estudantes com TEA? Quais os prejuízos causados aos estudantes com TEA durante a pandemia?* O objetivo da pesquisa é analisar os impactos que o ensino remoto acarreta no desenvolvimento dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Pretende-se então compreender o que dizem as investigações a respeito da temática e dialogar a seu respeito.

A nova realidade da Covid-19 causada pelo cenário pandêmico a partir do ano de dois mil e vinte, se acentuou e em algumas situações desvelou problemas que não eram percebidos. Houve um aumento do número de estudantes que ficaram às margens do processo de ensino e aprendizagem, destacando-se principalmente, a dificuldade de acesso às aulas ministradas de forma *on-line*, seja por falta de recursos tecnológicos digitais, ou dificuldades de compreensão do conteúdo exposto a partir dos diferentes espaços entre professor e estudante, ou pela falta ou insuficiência de supervisão e ensino dos pais e/ou responsáveis, provocando perdas na qualidade educacional. No que diz respeito, especificamente aos alunos que apresentam TEA, devido às próprias dificuldades que o transtorno do espectro autista traz, a situação pode ter se tornado ainda mais desafiadora e complexa.

Esses aspectos podem influenciar e dificultar o atendimento educacional dos estudantes com TEA, inclusive quanto ao acesso ao currículo. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos (DSM-5, 2013). O diagnóstico de TEA é baseado em duas áreas: prejuízo persistente na interação e na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Atualmente é utilizada a terminologia TEA para representar a grande variabilidade dentro do espectro e dentro de sinais e sintomas, com as classificações de leve a severo, diferenciados em três níveis principais (níveis 1, 2 e 3, de acordo com a quantidade de apoio necessário para desenvolver as atividades diárias) (DSM-5, 2013).

Acrescenta-se, a tudo isso, o fato de que o TEA está relacionado às situações de comportamentos em que as crianças possuem dificuldades para prestar a atenção em algo, e até mesmo em manter essa atenção, assim como, possuem atenção seletiva. Também há a questão da hiperatividade. Os estudantes com essas características tendem a prestar atenção em algumas partes e não no todo. Há casos em que a agressividade é acentuada. Geralmente, crianças pequenas em torno de três anos de idade apresentam baixa tolerância, crises de raiva, entre outras características (BARBARESI; KATUSIC; VOIGT, 2006; LINDSAY; AMAN, 2003; NEWSOM; HOVANITZ, 2006). No contexto educacional, é importante pensar sobre a forma de atendimento, qual estratégia de ensino está sendo utilizada, e principalmente, quais recursos de acessibilidade são necessários para desenvolver a aprendizagem dos estudantes com TEA, de acordo com as especificidades.

Além dos problemas já citados anteriormente, a pandemia da Covid -19 no que diz respeito aos estudantes com TEA, volta-se às seguintes questões: *Como tem sido a continuidade do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com TEA durante a pandemia? Como tem sido o acesso, a partir do uso de tecnologias digitais? Como tem ocorrido a realização de atividades nas aulas remotas e on-line?*

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer ao leitor, de forma breve, de que maneira as escolas se organizaram para atenderem aos estudantes remotamente. Para tanto, no item de método e procedimentos, será tratada essa questão.

Objetivo

Este trabalho tem o objetivo discutir sobre aprendizagem de estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º Anos) e Ensino Médio com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da pandemia/Covid-19. A pesquisa se dá em uma abrangência de 33 (trinta e três) escolas públicas jurisdicionadas a uma Diretoria de Ensino, do interior Estado de São Paulo. Justifica-se a importância de discussões a respeito da temática, uma vez que o momento pandêmico tem imposto desafios em todas as dimensões da vida humana e para a educação, não tem sido diferente.

A Lei no 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispõe que:

Art. 1º- A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º- A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996, p. 1)

A escola é responsável pelo acesso ao conhecimento e interação social, e por isso, é muito importante que esteja preparada para receber a todos os estudantes, considerando suas singularidades. Desta forma, o papel da escola é possibilitar a construção do conhecimento a partir do processo de ensino e aprendizagem, garantindo acesso e permanência dos estudantes nesse espaço que é de direito de todos.

Método

Os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram: observação, realizada em escolas públicas de uma Diretoria de Ensino do interior do Estado de São Paulo; e Revisão Sistemática de Literatura (RSL) a partir de plataformas de bases de pesquisas.

No contexto da observação, inicialmente, a qual será denominada “primeira fase”, com relação do desenvolvimento de atividades remotas, as escolas procuraram estabelecer contato com os estudantes e com as famílias por meio de mensagens em grupos de *WhatsApp*. As atividades propostas pelos professores e as aulas aconteciam mediadas por mensagens de áudios e vídeos e para os estudantes que não possuíam acesso ao *WhatsApp*, as atividades eram impressas. Na segunda fase, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), lançou o Centro de Mídias da Educação do Estado de São Paulo (CMSP), que se trata de uma plataforma, ou seja, um aplicativo que permite acesso às aulas e demais conteúdos visando contribuir com a aprendizagem dos alunos, bem como com a formação de professores, a partir do uso de recursos tecnológicos digitais.

A implementação do CMSP na rede estadual de educação gerou algumas situações desafiadoras em relação ao uso da ferramenta por parte dos estudantes, bem como dos professores, tanto pelas dificuldades de conexão, por resistência dos professores e por problemas no que diz respeito ao atendimento das necessidades educacionais dos estudantes, pois as aulas oferecidas pela plataforma foram elaboradas para atender o estudante que apresentasse um padrão mínimo de conhecimento de acordo com a sua idade/série, logo, estudantes com dificuldades de aprendizagem e alunos com necessidades educacionais especiais, em alguma medida, não foram contemplados pela oferta de tais aulas em tal formato digital.

Na terceira fase, as escolas passaram a desenvolver as aulas síncronas, porém, é possível afirmar que essas aulas foram utilizadas de forma irregular, pelos mesmos motivos já apontados anteriormente.

Todo o contexto apresentado possibilita observar e afirmar que as desigualdades foram acentuadas diante do cenário pandêmico e muitos estudantes que já não tinham pleno acesso à educação, no processo de ensino e aprendizagem ficaram ainda mais desamparados. Estudantes com TEA devido às suas particularidades específicas foram prejudicados, pois além da dificuldade com relação ao acesso de uso de tecnologias digitais, vale destacar que uma das características dos estudantes com TEA é o apego à rotina. Assim, a mudança da rotina diária de aulas presenciais para atividades remotas, passou a ser uma preocupação em relação à aprendizagem dos estudantes. Para auxiliá-los, é importante que a escola pense em ofertar condições de adequações curriculares de acordo com a proposta do Ministério da Educação (MEC) para a Educação Especial e recursos que objetivam a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem dos estudantes com deficiência. De acordo com Pimentel (2009, p. 58) há aspectos que embasam a utilização de adequações curriculares:

Atitude favorável da escola para diversificar e flexibilizar o processo de ensino- aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos; Identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação; Adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, em lugar de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículos; Flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola para atender à demanda diversificada dos alunos; 5. Possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros não convencionais, para favorecer o processo educacional (PIMENTEL, 2009, p. 58).

Desta maneira, entende-se que o ensino obrigatório é fornecer todos os subsídios necessários para o estudante, articulando práticas para elevar o progresso pessoal, evidente principalmente no atendimento às pessoas com deficiência dentro das escolas e para que o aprendizado seja satisfatório e não apenas um ato à parte, ou seja, uma segregação passiva em que estar e participar reflete na própria formação individual e do grupo. É preciso reconhecer que a diversidade humana é ponto de partida para as próprias respostas educacionais sobre como se deve ocorrer o ensino a todos.

É neste ponto que as adaptações curriculares refletem como um ensino flexível e atendem à diversidade e individualização no próprio espaço educativo para que possa ser denominado acessível. São elas que criaram condições de participação nos suportes físicos, mentais, psicológicos e sociais.

As adaptações curriculares consideram a necessidade do progresso educacional para a realização de futuras adaptações baseando-se nas próprias propostas de ensino que são realizadas ao encontro das singularidades dos estudantes e suas deficiências, ou suas necessidades educativas, além de favorecer e garantir a permanência dos alunos dentro das escolas, por meio de planos e projetos que subsidiam a equipe pedagógica no atendimento das dificuldades e amparo para a família e comunidade. Adaptando o currículo, de forma incisiva, desenvolvem-se vários instrumentos que podem ser aplicados tanto de forma teórica como prática, atendendo significativamente a história do aluno e seus conhecimentos prévios, além de assimilar todas as características pessoais que envolvem o seu modo de aprender. Estas adaptações consideram estratégias de participação com uma flexibilização nos objetivos, no método e na organização, sempre com o foco no estudante e sua real necessidade, visando aproveitamento e enriquecimento pessoal e social.

Cabe ressaltar que, os professores das escolas a que se refere este trabalho já foram orientados sobre a importância, necessidade e obrigatoriedade do trabalho docente com as adaptações curriculares para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Assim como a observação, faz parte da pesquisa a Revisão Sistemática de Literatura (RSL). Para a realização da revisão foram utilizadas as plataformas de bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/Periódicos e Google Acadêmico, para levantamentos de artigos que possuam relação com a temática de pesquisa, a partir dos descritores combinados pelos termos: transtorno espectro autista OR autismo AND escola pública AND Covid 19 AND pandemia AND aprendizagem AND ensino remoto emergencial AND educação inclusiva AND educação especial AND educação básica.

O período temporal de buscas nas plataformas foi de 2020 a 2021, por ser 2020 o ano em que surgiu a pandemia a partir da disseminação do vírus Covid-19.

Inicialmente foram localizados 72 artigos na plataforma CAPES, sendo descartados 71 por não terem relação específica com o objeto desta investigação, sendo selecionado 1 dos artigos. Já na plataforma Google Acadêmico, foram encontrados 72 artigos, sendo selecionados 10, e após a leitura dos resumos, selecionados 6. Contudo, um dos artigos foi localizado repetidamente, visto que trata-se do mesmo localizado na plataforma CAPES. Sendo assim, ao todo, foram selecionados 5 artigos para contribuir com o referencial teórico do estudo.

A partir dos levantamentos realizados nas plataformas de bases mencionadas anteriormente, foram organizados e descritos os estudos selecionados, bem como proposto um diálogo a respeito dos resultados obtidos.

Quadro - Levantamento de estudos relacionados ao tema a partir da busca de dados em plataformas

N.	Título	Autor	Ano	Periódico/Evento Acadêmico
01	Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil	Adelaide Alves Dias, Isabelle Sercundes Santos e Adams Ricardo Pereira de Abreu	2021	Zero-a-seis
02	Trabalho Pedagógico com estudantes público-alvo da educação especial na educação infantil durante a pandemia	Fernanda Matrigani M. Gutierrez de Queiroz, Regiane da Silva Barbosa e Scheila de Quadros Uzêda	2021	Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva
03	A educação dos estudantes com deficiência em tempos de Covid-19: a invisibilidade dos invisíveis	Adelaide de Sousa Oliveira Neta, Romária de Menezes do Nascimento, Giovana Maria Belém Falcão	2020	Revista Interações
04	Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial	Flavia Faissal de Souza	2020	Práxis Educativa
05	A escolarização do estudante com deficiência em tempos de pandemia da Covid-19: tecendo algumas possibilidades	Tamara França de Almeida Magalhães	2020	Revista Interinstitucional Artes de Educar.

Fonte: elaboração própria

Resultados e Discussão

Os estudos apontam que os estudantes com TEA e suas famílias sofreram várias situações com a pandemia da Covid-19, com perdas em relação ao convívio social e emocional e principalmente, relacionadas à aprendizagem trazendo uma reflexão sobre a inclusão e exclusão desses alunos.

No cenário da pesquisa durante a pandemia com o ensino remoto, esses estudantes foram praticamente excluídos, pois não foram encontrados nos estudos relatos de adaptações curriculares ou uso de recursos variados para suas necessidades específicas, também não foi ofertado um acompanhamento contínuo que pudesse gerar estímulos para que os estudantes com TEA fossem atendidos ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Os estudos em questão não encontraram evidências sobre uso de tecnologia assistiva e adaptação curricular, causando assim prejuízos maiores na aprendizagem dos estudantes com TEA.

Ao longo do ensino remoto essa questão se agravou, devido a vários fatores e desta forma, depara-se então com a desigualdade neste contexto e indica-se a necessidade de políticas públicas que vão ao encontro do processo de inclusão e atendimento específico aos estudantes com TEA.

Conclusão

Ora, se a pandemia da Covid-19 provocou impactos negativos na aprendizagem dos estudantes de forma geral, é possível afirmar que os alunos com TEA sofreram os efeitos deste impacto de forma mais intensa. Além disso, observa-se que durante a pandemia todas as atenções se voltaram para o atendimento dos alunos regulares. Não seria exagero depreender que os alunos com TEA não foram incluídos no circuito da aprendizagem pensado pelos órgãos centrais das instituições responsáveis pelas unidades escolares e pelos professores. Tal conclusão ocorre em razão de que ainda não existe uma política pública que tenha como objetivo a inclusão dos estudantes com TEA em todos os níveis de ensino da Educação Básica.

Assim, considerando o contexto pandêmico é possível pensar nas mudanças em relação às ações educativas de aprendizagem e de convivência social, notando-se as dificuldades enfrentadas pelos estudantes por diversas situações. Para tanto, é necessário refletir sobre os impactos sofridos pelos estudantes com TEA em sua vida escolar e na aprendizagem escolar devido à pandemia da Covid-19. Se para os estudantes que não apresentam nenhuma deficiência já houve perdas significativas por diversos fatores, é possível deduzir que para os estudantes com TEA, os prejuízos possam ser bem maiores.

Com toda essa situação surgem indagações: Será que os estudantes com TEA que apresentam características tão específicas estão sendo atendidos com possibilidades de práticas educacionais de acordo com suas necessidades? Será que as aulas ministradas de forma *on-line* suprem suas necessidades? Há estratégias metodológicas e recursos de acessibilidade pra que esses estudantes sejam atendidos em suas particularidades?

Além das dificuldades enfrentadas por vários estudantes como a falta de recursos tecnológicos digitais, dificuldades de compreender o conteúdo exposto, falta de orientação de como realizar a atividade em casa, os estudantes com TEA enfrentam também as dificuldades que o próprio transtorno traz.

Portanto, a pandemia nos força a encarar várias mazelas educacionais que estavam adormecidas, mas é imperioso que voltemos à atenção para feridas abertas desse público e em especial para os estudantes com TEA.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA]. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5**. 5. ed. Arlington: APA, 2013.

BARBARESI, W. J.; KATUSIC, S. K.; VOIGT, R. G. Autism: a review of the state of the science for pediatric primary health care clinicians. **Archive of Pediatric and Adolescent Medicine**, v. 160, n. 11, p. 1167-1175, 2006.

DIAS, A. A.; SANTOS, I. S., ABREU, A. R. P. de. Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero a seis**. Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 101-124, jan./jan., 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)** (1996). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 agos. 2021.

LINDSAY, R. L.; AMAN, M. G. Pharmacologic therapies aid treatment for autism. **Pediatric Annals**, v. 32, n. 10, p. 671-676, 2003.

MAGALHÃES, T. F. de. A. **A escolarização do estudante com deficiência em tempos de pandemia da Covid-19: tecendo algumas possibilidades**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 6 – N. Especial – pág. 205 – 221, jun. out. 2020.

NETA, A. de. S. O., NASCIMENTO, R. de. M.; FALCÃO, G. M. B. A educação dos estudantes com deficiência em tempos de pandemia de Covid-19: a invisibilidade dos invisíveis. **Revista Interações**. N. 54, PP. 25-48, 2020.

NEWSOM, C.; HOVANITZ, C. A. Autistic spectrum disorders. In: MASH, E. J.; BARKLEY, R. A. (Org.). **Treatment of childhood disorders**. Nova Iorque: Guilford Press, 2006. p. 455-511.

PIMENTEL, Susana Couto. As Práticas pedagógicas na atenção às necessidades educativas especiais dos alunos: uma análise a partir das teorias do currículo. In: Marilda Carneiro Santos (Org.). **Educação Inclusiva em Foco**. Feira de Santana: UEFS, 2009.

QUEIROZ, F.M. M. F., BARBOSA, R. da S.; UZÊDA, S. de. Q. **Trabalho Pedagógico com estudantes público-alvo da educação especial na Educação Infantil durante a pandemia** (2020). Disponível em: <https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E211BR826G0&p=Trabalho+Pedag%C3%B3gico+com+estudantes+p%C3%ABlico-alvo+da+educa%C3%A7%C3%A3o+especial+na+educa%C3%A7%C3%A3o+infantil+durante+a+pandemia>. Acesso em: 28 agos. 2021.

SOUZA, F. F.; DAINEZ, D. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa, Ponta Grossa**, v. 15, e2016303, p. 1, 2020.